

Mário Dionísio: um breve perfil

Caso invulgar, talvez único na nossa vida artística contemporânea. Um dos mais dotados componentes de uma geração, que já atingiu, no dealbar dos 50 anos e picos, a consagração pública e uma projecção quase universal, pelo menos europeia, invejável (entenda-se: não que a invejemos ou achemos desmesurada, antes, pelo contrário, justificadíssima, desvanecedora, levando temas nossos, autores nossos, problemas e dores nossas a multidões de leitores que da literatura nacional apenas conheciam, e talvez de outiva, Camões, e dentre os modernos Ferreira de Castro (via a empolgante tradução de Blaise Cendrars de *A Selva*. Há que reconhecê-lo: *La forêt vierge* [1938; ed. recente 1995, Grasset, Paris] não é uma tradução mas uma recriação, em muito superior ao original, basta comparar – tarefa a que, com patriótico desgosto, me dediquei há anos – e a conclusão honesta é que Cendrars, bom conhecedor da selva amazônica e homem de mil vidas e fulgurante poder de expressão, respeitando o sentido do original português de Castro, o revivificava, lhe emprestava um ritmo aliciador, lhe endireitava os aleijões, as infantilidades primárias do estilo, contornando ou apagando circunspectamente tempos mortos e chavões de jornalismo de pacotilha) e Joaquim Paço d'Arcos (via: a diplomática, muitas contumélias e outros malabarismos publicitários por demais praticados [e do domínio público] pelo autor de *Ana Paula*), um talento multifacetado como o de Mário Dionísio e apetrechado por formação literária especializada (caso idêntico ao de Vergílio Ferreira) – é fácil, é expedito, renegar uma aprendizagem universitária,¹ como ambos tiveram, mas o autodidactismo também tem

seus riscos, incorre com frequência em deformações de visão global, em atropelos de hierarquia em lacunas insondáveis, em ridicularias de morrer a rir – e, ainda, preocupações, exigências humanísticas (comuns, é certo, à sua geração e o chamar-lhe heróica não é tão exagerado como possa parecer porque os tempos eram outros, mais duros, o tempo dos assassinos, do desprezo, do ódio à inteligência) só agora, na colecção das suas obras completas que Publicações Europa-América vem editando e de que o romance que temos na banca, *Não há morte nem princípio*, constitui o 4.º tomo, só agora Mário Dionísio parece vencer uma estranha barreira de silêncio ou alheamento por parte do grande público que outros seus companheiros de geração, mais afortunados (Redol, Namora, Vergílio Ferreira, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, entre outros), por fás ou por nefas, há muito haviam alcançado, dentro e fora do País.

Isto não aconteceu por acaso. Tentemos dilucidá-lo através de reminiscências pessoais (minhas) de contactos com M. D., desde que, ainda eu caloiro da Faculdade de Letras o entrevistei (logo após a publicação de *O Dia Cinzento* e pelo inesquecível choque que os seus contos me causaram) para uma páginazinha literária que codirigia com Cardoso Pires («Novos Horizontes» se chamava) no antigo semanário ou quinzenário *O Globo*, onde Vasco Vidal (que tenta, neste momento, reatar as tradições do que foi um actuante órgão cultural) acolhia os jovens de braços abertos e simpatia sincera.

Reatemos: um natural sentido de autocrítica, uma reserva que rasava pela timidez ou, talvez, um superior desdém pelos apressados e videirinhos; talvez, ainda, uma prudência a que a grave enfermidade de que padeceu a isso o compelsse ou (mera hipótese da qual no entanto, não consigo olvidar-me e de que podia dar exemplos abonatórios) um certo – como direi? – espírito de clã sectarista, ideológico, numa época em que o CNE (Comité national des écrivains)

dominado pelo fanatismo e as realizações do pós-guerra,² encabeçado por Aragon e propagado por *Les Lettres françaises* marcavam certos sectores da intelectualidade portuguesa (os mais válidos, note-se, muito embora a posterior evolução dalguns influenciados e influentes escribas lusitanos de então os mais irredutíveis, os mais impolutos à vista – é topá-los hoje, em obras, palavras públicas e pensamentos, quiçá –, revelam *a posteriori*, a anos de distância e sucessivos, progressivos compromissos e aburguesamento notório, defendido por sofismas bizantinos, quanto já nessa época seriam platónicos e inofensivos uns, táctica de alcançador-se noutros, ardores imberbes na maioria, sem esquecermos aqueles que nisso se jogaram a sério, jogaram a vida ou a liberdade (apenas um nome: Soeiro Pereira Gomes), em Mário Dionísio conduziram a um ensimesmamento quase monacal, a um adiamento só explicável pelo que a seguir se lerá, à não exploração, isto é, à pelo menos aparente recusa de exploração (afirmação), tão natural como legítima, das múltiplas faculdades criadoras de que já dera amostras, a um (podemos chamar-lhe intervenção?) intermitente contacto com o público, aquele mesmo que soubera reunir em volta, atento e venerador, confiando nas suas palavras nos primórdios (aqui já o termo intervenção adquire pleno significado) da sua lúcida militância, n' *O Diabo*, na *Seara Nova*, em *Vértice*. Talvez, ainda (aventemos como hipótese e nada mais) uma (talvez) olímpica, orgulhosa, consciente, exacta noção do próprio valor, o saber aguardar a sua hora (aposta falível, como *Não há morte nem princípio* nos parece testemunhar), uma ironia silenciosa, resguardada pela cortina de fumo do seu eterno consagrado cachimbo, perante o *sprint* desenfreado a que se entregavam (e continuam...) outros seus contemporâneos de geração, bem medíocres alguns, ironia que não impedia que em público, os não amparasse, incitasse, camuflasse ou subtil argumentação *ad hoc*, as deficiências, as ingenuidades de factura literária ou

de estrutura ideológica, os exageros do facciosismo (e suas flutuações oportunistas), as por demais evidentes, imediatas influências, quase *pastiches*, de autores e obras estrangeiras...,³ partidarismos contraproducentes que em muito terão contribuído para o descrédito do neo-realismo entre nós, pelo menos na primeira fase que alguns agora repudiam continuando, no entanto, a reeditarem as tais obras ultrapassadas ou dando-lhes um jeito porque com o dinheirinho não se brinca... Outra hipótese: que Mário Dionísio tivesse escrito obras que foi forçado a manter na gaveta por conditionalismos de todos bem conhecidos, obras de um rigor mais incisivo na análise do meio ambiente, logo focando em grande plano temas fundamentais, os graves, os melindrosos e irritantes da sociedade portuguesa (não o posso afirmar mas será *Não há morte nem princípio* o romance, ou uma versão refundida, actualizada, de um romance em que me falou há vinte anos ou por aí, e que, não me falhando a memória, se intitularia então *A Ponte Invisível?*).

Seja como for, a ausência ou intermitência crítica e criadora de Mário Dionísio é, talvez o saibamos um dia em que medida, responsável pelas dúvidas, confusões, desorientação, desânimo e muito mais com que se debatem, por exemplo, a geração seguinte (a minha), o fracasso (inútil escondê-lo) de alguns dos primeiros neo-realistas, quando, noutra trincheira, um Gaspar Simões se mantinha em permanente, obcecada atalaia e alfange em riste (e isso o honra, com todos os dislates que se lhe possam apontar). Continuaremos. O homem, Mário Dionísio, a obra e sua repercussão, o exemplo, este seu romance dagora, dão para muita conversa. Continuaremos, pois, para a semana.

1 Em conversa desenfadada, Mário Dionísio contou-me um dia que a sua tese de licenciatura em Letras versava a obra de Erico Veríssimo, autor de que os venerandos doutos lentes que o julgavam nem tinham ouvido falar... e ele, Dionísio, sabia-o. O que é

um ponto contra a Universidade, mas não invalida que ela não fosse, como cadinho de cultura, superior a desbravar seringais ou praticar o boxe...

- 2 No caso francês, o maniqueísmo do CNE teria gravíssimas e dolorosas, criminosas (de lesa-pátria e lesa-humanidade) antecedenças. Mas os exageros que gerou em excomunhão, perseguições, etc. levaram-no a perder alguns dos seus elementos mais sensatos e a ficar, finalmente, reduzido a uma camarilha de vistas bem curtas. E a hora de reabilitação de muitas das suas vítimas acabou por chegar – era de prever. No caso português, a situação sempre se apresentou muito mais ambígua, com preponderância da calúnia, do boato, das suposições a fazerem figura de factos consumados e indignificantes.
- 3 Seria fastidioso exemplificar... mas num caso, que me lembro, o de Alves Redol, as críticas de Mário Dionísio eram mais sinceras ou directas nas referências ao último romance aparecido. A fórmula? mais ou menos esta: «nesta obra, Redol ultrapassa as tibiezas de (o romance antecedente), por isto e aquilo, etc. Este é que é bom». Até à saída do outro, em que lenga-lenga semelhante se repetia, ao penúltimo.

Notícia, Luanda, 13 Setembro 1969, pp. 78-79.